

CINCO MOTIVOS PARA LER (A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS)

Solineide Maria de Oliveira¹

Patrícia Kátia da Costa Pina²

1

CINCO MOTIVOS PARA LER (A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS)

Como seduzir o leitor? Sobretudo nesses novos tempos. Tempos de mídias múltiplas e de variações instantâneas de (quase) tudo. O que fazer para que, esta criatura insubstituível, que vive num mundo de teclas e atalhos, sente-se, aquiete-se e embrenhe-se no universo da leitura. Afinal, todo autor depende do leitor. O leitor decidirá, e muito mais, nesses tempos de “tendências” o sucesso ou não de sua obra. Então, ser original seria um bom começo, escrever alguma coisa entre nova e ótima, dosando todos os ingredientes que uma boa narrativa acarreta. Walter Benjamin sugere que o bom narrador deve experienciar (1985: p. 197). Por isso que narrar não seria o mesmo que contar. Seria interpretar sua experiência e a de outros. E o bom narrar, seria, ainda, contar como se tivesse estado lá. Talvez isso proporcionasse à narrativa a característica fundamental do bom narrador.

Nesse sentido, o narrador de *A Menina que roubava livros* é primoroso, pois, sendo a Morte, esteve presente em todos os episódios que narra, ele é nada mais, nada menos, que o personagem principal da trama em todas as guerras: em específico na narrativa que ora tratamos. A história acontece na guerra de Hitler, no momento do holocausto, sendo assim, saberá este narrador contar sem tirar nem pôr uma vírgula sequer.

Pode-se dizer, então, que um narrador assim é altamente fascinante. Entender-se-ia ser um dos motivos do grande sucesso da obra: um narrador como poucos. E sua narração viria imbuída de informação, mas nem por isso pobre, nem empobrecedora, como igualmente ocorria em Leskov.

Benjamin discute, ainda, que *ir, estar lá* deixa de ter tanta importância, nas narrativas de fim-de-século, e, que por isso, o narrador como conselheiro, vai desaparecendo (BENJMIN, 1985: p. 198). Mas eis que reaparece um narrador aconselhando, refletindo e

¹ Aluna do Curso de Letras da UESC. Bolsista do CNPq em 2010 com a pesquisa *O best seller, o cânone e o leitor na contemporaneidade: o caso da menina que roubava livros*.

² Orientadora. Professora Doutora de Literatura Brasileira - Pós Doutoranda pela UNICAMP.

chamando à reflexão: a Morte em *A menina que roubava livros* seria um dos motivos do sucesso do romance de Zusak. Sugere-se que esta obra tem sido tão bem acolhida, porque o conselho reaparece num momento onde o mundo está cibernético demais. Onde, dizem, o ser humano se encontra fragilizado e demasiado solitário.

Tal conselheiro ocuparia o lugar de um narrador conselheiro convencional. Talvez por isso, um homem que trabalha doze horas por dia, sol a pino, trocando canos de instalações de esgoto, comece a ler um livro que encontra em cima da TV da mãe (em seu horário de almoço) e não desgrude mais dele. A menina que roubava livros tem sido elemento essencial para essas e outras pessoas acessarem o mundo da leitura. E de tal maneira, que se torna encantador localizar motivos que expliquem tal acontecimento.

Por que uma menina roubaria livros? Sendo menina, não seria mais justificável que roubasse bonecas, doces ou batons? E, sendo uma menina contemporânea, não seria menos incomum que roubasse celulares e penduricalhos da moda, expostos nas lojas de todo centro, ou de qualquer centro de uma cidade qualquer? Se fosse uma menina viciada (dessas que sobrevivem em grande número nos centros ou não, das cidades grandes e pequenas, meninas jogadas ao reverso de uma sorte que não há) possuiria o desejo de roubar comida, dinheiro etc. Poderia se fosse o caso de ser uma dessas meninas. Mas não é este o caso.

MOTIVO I

O narrador.

O narrador é a Morte. Mas não é a mesma que nos citaram sempre: sorumbática, mal humorada, apavorante, feia e triste. Aliás, que nesta obra, não se sabe especificamente qual seria a característica “física” dela. Dele? É espectro, mas é quase gente, porque sente temperatura, odores, gosta de cores e de nomes. Não é frágil, mas chega a se fragilizar. Gosta das palavras, talvez seja mais um motivo para a rápida identificação com Liesel. “Por favor, confie em mim. Decididamente, eu sei ser animada, sei ser amável. Agradável. Afável”. (Zusak, 2007: p. 9) A menina sente, percebe, tateia, *rouba*. Ela igualmente, o roubo é de coisa sem vida: corpos. Roubar coisas sem vida não seria roubo. Seria? Livros não lidos, serem roubados, é roubo? Liesel recolhe, acolhe e dá vida aos livros. A morte recolhe, acolhe corpos que viveram. A morte seria o fim de uma história, Liesel seria o início. As duas seriam o fio da narrativa que mistura elementos tão antigos, mas tão interessantes e enigmáticos como

sempre e embevecem de poesia a trama toda. Elementos como a perda, amizade, o amor, as injustiças, a guerra e os livros.

MOTIVO II

3

O segundo motivo para ler *A menina que roubava livros* está em encontrar-se com o pretexto (real) de uma menina querer roubar livros. Encontrar-se e, dessa maneira, investigar as outras causas de Liesel. A menina ansiava, em seu íntimo, roubar palavras. Mas não como se fossem coisa, queria roubá-las como se fossem algo que necessitavam de interpretações originais. A menina quer roubar palavras e nem sabe do que se tratam, pois não sabe ler, nem escrever. Mas sentiu necessidade de tê-las mais perto de si. Quererá aos poucos descobrir seus sentidos, ou a falta deles. Ela tem nove anos, uma mãe sozinha, um irmão morto e o gelo imenso da guerra alemã para encarar.

É no cemitério, no enterro do irmão, que a menina rouba o primeiro livro de uma série: “Havia uma coisa preta e retangular abrigada na neve. Só a menina viu. Ela se curvou, apanhou-a e a segurou firme entre os dedos. O livro tinha letras prateadas”. (Zusak, 2008: p. 26). Era O manual do coveiro. Estranha leitura para uma criança de tão tenra idade. Mas aquela menina viu o livro, abrigado na neve. A capa preta e a letra dourada pareciam querer dizer em segredo, que seria preciso aprender a perder aos poucos. E que seria prudente, inclusive, aprender a enterrar o passado, mas aos poucos.

MOTIVO III

Nesse momento, pode-se parar e respirar um pouco, por conta da falta de sentido ao sentido de roubar um livro, no caso, um manual de como enterrar bem um caixão. A narrativa desorienta o leitor incauto: ler sem saber ler? Como? Deparamo-nos com o terceiro motivo para a leitura da obra em análise: ler para aprender a ler. E aqui, Liesel nos dá uma lição memorável: livro é para ser lido, mas antes deve ser querido. Deve-se querer ler. Afinal, “um texto existe porque existe um leitor para dar-lhe significação”. (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 5). Lisel aprenderá a fazê-lo, devagar, pacientemente, e, sobretudo: magicamente. Há espaço então, para uma reflexão: a literatura não poderia ser empurrada como em goles difíceis, todos precisariam poder escolher o que ler. De tal maneira, haveria o deparar-se mais rapidamente com a lucidez encantadora, dulcificante, áspera, *difícil*, mas elementar, que é a

prática do encontro com as palavras. Até porque, o objeto livro vem depois, o que os escritores fazem, inicialmente, é escrever textos:

Os autores não escrevem livros: não. Escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 9).

4

MOTIVO IV

Surpresa.

Sim, a surpresa seria o terceiro motivo para ler este romance. A surpresa de encontrar uma narrativa nova sobre um tema gasto e agastado: o holocausto. Há sessenta e quatro anos começava uma das piores fases da história do mundo. Uma fase vergonhosa, triste, suja: indizível. E indescritível, já que o horror foi tanto, tamanho, que excedia (e excede) o universo do dizer, escrever, exprimir. *A menina que roubava livros* traz essa e outras surpresas. Trata-se de um novíssimo olhar sobre a guerra do Führer, e, sugere que seja um olhar sem intenção de ferir. Já que todos (uns em dose alarmante) de alguma maneira fomos decisivamente afetados.

Rudy Steiner, vizinho e amigo de Liesel é outra surpresa. A surpresa de uma paixão que nasce e cresce ali perto, mas tão distante de se realizar na prática, quanto um sonho inventado. É uma companhia-companheira, rouba frutas com ela, rouba a alegria onde nem há, numa Alemanha que não deixou saudade. Rouba um livro para ela. Depois vai embora com a Morte. É uma surpresa existir uma história de amor sem materialização, e nem por isso se tornar história de amor frágil. Aliás, seja talvez por isso, que tal história de amor seja tão forte.

MOTIVO V

Não é fácil chamar a atenção pela linguagem. Haja vista tantos livros encalharem na possibilidade de serem lidos. Ou, serem lidos, mas serem lembrados justamente pela

dificuldade do encantamento daquela linguagem. Mas que mistério é esse? O de cativar pela linguagem?

O autor de *A menina que roubava livros* realiza o que se pode chamar de façanha: incitar pelo óbvio. Escrever como quem conta, quando na verdade, escreve como quem quer que o outro (no caso, o leitor) ouça. Isso não é novidade na literatura, muitos tentaram. Novidade é que poucos conseguiram. Porque o leitor pode se agastar, mas no caso desta narrativa, o leitor segue. Pode até parar para um café, água, dormir. Mas continua e termina com a uma confissão: “Odiei as palavras e as amei, e espero tê-las usado direito”. (Zusak, 2008: p.459) Ela reflete porque sabe perfeitamente sobre o que narra, ou pelo menos sugere saber. E sugere saber também que a linguagem é coisa muita séria e que quando bem usada, pode-se distribuir o que se quer dizer como quem atravessa uma noite fria embaixo de um bom e afetuoso cobertor quente. Ainda que nos encontremos no frio gelado de uma guerra sem nenhum sentido. Ainda que seja o fim do mundo.

REFERÊNCIAS

CAVALLO, Guglielmo e **CHARTIER**, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume 1. ed. 4. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZUSAK, Markus. *A menina que roubava livros*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.